

Aspectos da vida de D. Luiz de Bragança

Guilherme Auler
(sócio correspondente)

Sobre a personalidade do príncipe D. Luiz de Orleães-Bragança, já publicamos vários estudos: na *Revista Genealógica Brasileira* (nos. 2 e 4) e na revista *A Ordem* (Março de 41). Estudamos, documentadamente, a infância e os últimos momentos da vida do neto de D. Pedro II, na primeira dessas publicações, a excelente promotora dos estudos genealógicos no Brasil. As idéias políticas do Príncipe serviram de tema para o outro estudo nosso, aparecido no mensário carioca fundado por Jackson de Figueiredo.

É de lamentar que ainda hoje não exista publicada uma biografia de D. Luiz, de quem se tem ocupado, é verdade, inúmeros escritores e jornalistas, mas apenas em curtos artigos para revistas e jornais. Tivemos, durante algum tempo, o desejo de trazer até as vitrines das livrarias um volume, que não seria uma biografia, mas antes um ensaio, cujo mérito exclusivo constituiria chamar a atenção para a personalidade de tão ilustre brasileiro e provocar o aparecimento de livro em proporção com o biografado. Hoje, já desistimos desse nosso volume, devido às dificuldades que encontra o residente no Norte, frente aos grupos que monopolizam as casas editoras.

Usando o material recolhido por nós, em vários anos, escrevemos agora este breve estudo, abordando diversos aspectos da vida do Príncipe, que não foram tratados no que publicamos nas revistas de São-Paulo e Rio-de-Janeiro.

1 — D. Luiz escritor

Em 1901, aos 23 anos de idade, publicou o seu primeiro livro, *Dans les Alpes*, edição Plon Nourrit, com 244 páginas. É um relato das suas excursões ao Mont Blanc, Aiguille du Midi, Mont Rose, Mont Cervin, Aiguille Méridionale d'Arves, La Meije, Barre des Ecrins. Criticando a obra, um historiador patricio assim se expressou: "Escreve rapidamente, quase sem paisagens, a caminhada ás-

pera pela neve, os pulos, a travessia ousada pelos pontos glaciais, as escaladas feitas a piolet na montanha vertical." (1)

No ano seguinte apareceu o seu segundo livro, *Tour d'Afrique*, edição Plon Nourrit, com 277 páginas, 38 fotografias e mapas, contendo a descrição de uma viagem à África do sul. Em maio de 1900, D. Luiz embarcou em Southampton, no "Dunottar Castle". Não lhe sendo permitido ir a Kimberley, nem visitar o quartel-general das forças inglesas, que faziam então a guerra contra os boers, seguiu para Lourenço-Marques, terra portuguesa, onde foi recebido com honras reais. Dirigiu-se, após, para o acampamento dos boers, sendo hóspede de honra do General Botha, que o credencia junto ao Presidente Kruger, com quem palestra demoradamente, em Waterfallonder.

De volta a Lourenço-Marques, acampa no Rio-Punge, permanecendo algum tempo entregue ao perigoso esporte da caça africana. Continua a viagem, passando por Moçambique, Zanzibar, Dar-es-Salam e Adem. Para os historiadores, *Tour d'Afrique* é um valioso depoimento, pelas suas observações acertadas sobre os boers.

Em 1906, D. Luiz publicou o seu terceiro livro, *A travers l'Hindu-Kusch*, edição Gabriel Beauchesne, com 428 páginas, 118 fotografias e mapas, obra que obteve da Sociedade de Geografia de França o prêmio "Malte Brun" e posteriormente também foi premiada pela Academia Francesa. É a continuação da sua viagem à África.

De Adem, o Príncipe viaja para Ceilão. Visita Madras, Maiur, Haiderabad, Bombay, Calcutta, Benares, Delhi, Lahore, Rawal-Pindi. Escala o Himalaia, a 6.700 metros de altura.

Resolve, então, voltar à Europa, através do Hindu-Kusch, viagem fantástica, congênere das mil e uma noites. Atinge o Turquestão chinês, onde é recebido por mandarins e obsequiado com banquetes, cujo único prato era ninho de andorinhas. Viaja de tarantas e no trans-siberiano. Visita Samarkand, Bokhan, Mery, Krasnovosk. Atravessa o mar Cáspio. Conhece Baku, Tiflis, Vladikavkas, Noworossijski, Criméia, Balablava, Sebastopol, chegando finalmente em Moscou. Da capital russa viaja para Varsóvia, e daí para Viena.

Sob o Cruzeiro do Sul é o seu último livro, com edições nas linguas portuguesa e francesa, de repercussão extraordinária. Nenhum historiador pode desconhecer essa obra, a que Oliveira Lima fez os mais retumbantes elogios. É impossível fazer o mais ligeiro

1—"D. Luiz Viajante", por Luiz da Câmara Cascudo, na revista *Festa*, Rio, Outubro de 1934.

resumo, numa parte de um estudo, pois só esse livro merece um ensaio bem desenvolvido. Para outra oportunidade, tencionamos realizá-lo.

2 — No Instituto Histórico Brasileiro

Nenhum dos escritores, que se ocuparam de D. Luiz, fez menção ao Instituto Histórico Brasileiro, do qual o Príncipe era sócio.

Na sessão, de 9 de Outubro de 1903, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi apresentada a seguinte proposta, subscrita por todos os sócios presentes:

“Propomos para sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Sua Alteza o Príncipe D. Luiz de Orleães-Bragança, autor das duas obras *Tour d’Afrique* e *Dans les Alpes*. Rio-de-Janeiro, 9 de Outubro de 1903. (aa) Aquino e Castro, Manuel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Melo, Henrique Raffard, Max Fleiuss, Sousa Pitanga, Barão de Loreto, Cunha Barbosa, Paranhos Montenegro, Melo Rego, Oliveira Catrambi, José Américo Santos, Visconde de Ouro-Preto, Rocha Pombo, Monsenhor Vicente Lustosa, Luiz de Almeida Sá, Alberto Carvalho.” (2)

Para relator da proposta foi designado o conselheiro Manuel Francisco Correia, que na sessão seguinte leu o parecer:

“Na última sessão a Mesa apresentou a proposta subscrita por todos os sócios presentes, para que seja incluído na apreciada classe dos sócios honorários sua Alteza o Senhor D. Luiz de Orleães-Bragança, neto do augusto Protetor do Instituto. A sua alta hierarquia reúne o ilustre proposto eminentes qualidades pessoais, a que se juntam notáveis dotes literários, como se evidencia pelas suas importantes obras *Tour d’Afrique* e *Dans les Alpes*, a que a proposta faz referência. Por tão justos motivos a Comissão de Admissão de Sócios é de parecer que a proposta seja aprovada. (aa) Manuel Francisco Correia — relator, Antônio de Paula Freitas, João Carlos de Sousa Ferreira.” (3)

Na reunião do Instituto de 6 de Novembro, posto em votação o parecer, foi aprovado, unanimemente, sendo então D. Luiz proclamado sócio do mais alto centro cultural do Brasil. (4)

Em 1920, depois da morte de D. Luiz, na sessão de 24 de

2—Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo 66, parte II, página 264.

3—Idem, idem, página 268.

4—Idem, idem, página 287.

Abril, o presidente do Instituto, Conde de Afonso Celso, participou o falecimento do Príncipe, fazendo "algumas considerações, para salientar o seu grande valor e patriotismo". (5)

E, na sessão solene, de 21 de Outubro do mesmo ano, comemorativa do 82.º aniversário do Instituto, o orador oficial, Barão de Ramiz Galvão, fez o elogio fúnebre, de grande valor, pois é o depoimento do antigo mestre sobre o discípulo de 1882 a 1889. Nenhuma referência temos encontrado, a esse retrato-fiel da infância do Príncipe (6), nos numerosos artigos de jornais e revistas. Nesse documentário valioso e não citado, baseamos o nosso estudo publicado na *Revista Genealógica Brasileira*, n.º 2, segundo semestre de 1940, pág. 435-438.

D. Luiz, também, pretendeu ingressar na Academia Brasileira de Letras, não o conseguindo devido à oposição de Pinheiro Machado, a quem Oliveira Lima justamente qualifica de "cigano" e afirma "que era intransigente como Robespierre, mas não incorruptível como ele". (7)

Com referência a esse assunto, escreveu o Sr. Paulo Barreto (João do Rio): "Quando resolvi votar em D. Luiz para a Academia Brasileira, Pinheiro Machado mandou chamar-me, furioso; dois ministros, aliás inteligentes, tiveram agudos interrogatórios a propósito da minha inconveniência, e houve positivamente uma nova propaganda republicana para não se fazer membro da Academia Brasileira um Príncipe Brasileiro, um homem ilustre brasileiro, um alto escritor brasileiro, um devotado, ardente, generoso patriota brasileiro. E D. Luiz não foi da Academia," (8)

3 — Na grande guerra de 1914-1918

Durante a grande guerra, D. Luiz esteve na frente de batalha, de 23 de Agosto de 1914 a 15 de Junho de 1915, quando o seu estado de saúde o obrigou a abandonar o exército inglês.

Como ele se alistou nos exércitos dos aliados, conta-nos Mgr. René Delair, antigo preceptor dos seus filhos e autor de um livro biográfico sobre um deles: "Le petit-fils de Louis Philippe s'en fut

5—Idem, tomo 87, volume 141, página 368.

6—Discurso do Barão de Ramiz Galvão, em 21-10-1920, no Instituto Histórico Brasileiro. *Vide* Revista do Instituto Histórico, tomo 87, volume 141, páginas 524 e 530.

7—"Memórias", por Oliveira Lima, páginas 48 e 92.

8—"D. Luiz", por Paulo Barreto (João do Rio), na revista "Leitura para todos", Abril de 1920, Rio-de-Janeiro.

offrir au Président Poincaré le concours de son devouement et de sa science militaire acquise dans les écoles spéciales. Le président, tout en rendant hommage au noble geste de S. A., ne crut pas pouvoir accepter ses services. Il lui suggere de s'adresser à son parent Albert I, qui, sans doute, lui ouvrirait les rangs de la vaillante armée belge. Pour des raisons que nous n'avons pas à apprécier, S. M. déclina, Elle aussi, l'offre de son cousin. Le Prince ne se decouragea pas: il s'en fut trouver le Roi d'Angleterre. Plus libre dans ses decisions, Georges V l'attacha à l'Etat-Major du General Douglas Haig. Peu de temps après, le Prince Louis se rendait, avec le grade de Capitaine, où l'appelait une mission d'officier de liaison." (9)

A ação de D. Luiz, no campo de batalha, foi eficiente e ariscada, conforme nos revela a notícia do tenente-coronel A. Jamer, da Missão Militar Francesa adida ao Corpo Expedicionário Britânico:

"Agregado como tenente ao E. M. do 1.º Corpo Britânico desde 25 de Agosto de 1914, S. A. R. o Príncipe D. Luiz de Orleães-Bragança contribuiu com a máxima eficácia para assegurar a comunicação com os corpos franceses vizinhos, notadamente no combate de Landrecies a 25 de Agosto, e depois durante a retirada por zonas expostas às incursões de patrulhas alemãs e particularmente a 3 de Setembro nos arredores de Château-Thierry. Depois da batalha do Marne, assistiu com o 18.º Corpo ao ataque de Montereau-les-Provins a 7 de Setembro; no dia 8 ao combate de Tretoire e finalmente de 13 de Setembro a 15 de Outubro à primeira batalha do Aisne no setor de Bourg-et-Comin, onde assegurou muitas vezes repetidas, em zonas dominadas pelo fogo da artilharia, a comunicação com os setores vizinhos do 18.º Corpo.

"Durante as trágicas jornadas da primeira batalha de Ypres de 20 de Outubro, em que a linha inglesa escapou de ser rompida várias vezes, ele prestou serviços dos mais assinalados contribuindo dia e noite, com inalteravel dedicação e energia a toda prova, para assegurar a comunicação com os Corpos Franceses vizinhos em um setor que, formando uma saliência para dentro da linha inimiga, sofria tiros intensos de sua artilharia; especialmente a 22 de Outubro no combate de Bischoote, em Zonnebecke, com a 18.º Divisão, no combate de Veldhock com os Zuavos do Coronel Eychéne, e a 31 de Outubro.

"A datar de 1.º de Janeiro de 1915, o Príncipe acompanhando o General Douglas Haig passou para o E. M. do 1.º Exército e ali continuou a prestar serviços igualmente relevantes, particularmente a

9—"Un jeune Prince Chrétien", por Mgr. René Delair, páginas 30 e 31.

10 de Março por ocasião da tomada de Neuve-Chapelle, em Canbrin, em Fosse-Calonne, no setor do 10.º Exército.

“Nessas diferentes missões nunca deixou de mostrar-se de uma dedicação a toda prova, de uma animação comunicativa, de um sangue-frio notável nas mais árduas conjunturas, de uma coragem inalterável no fogo, e de uma compreensão muito para notar-se das situações táticas. Sua saúde, gravemente alterada pela rude campanha do Yser, obrigou-o a retirar-se prematuramente do seu Estado Maior, no qual só deixou amizades, elevado apreço de suas belas qualidades militares e pesar unânime de sua partida.” (10)

Na Ordem do Dia do Exército francês, em 27 de Julho de 1920, D. Luiz teve a seguinte citação: “Agregado sucessivamente ao Estado Maior do 1.º Corpo do Exército e ao do 1.º Exército Britânico, distinguiu-se como oficial de Ligação entre as tropas francesas e inglesas, particularmente em Outubro de 1914 e no correr dos primeiros meses do ano de 1915, desempenhando as missões que lhe eram confiadas, com o maior sangue-frio, na zona avançada e sob o bombardeio da artilharia inimiga. Faleceu em consequência de moléstia contrainda na linha de batalha.” (11)

Em virtude dessa citação o Príncipe foi condecorado com a Cruz de Guerra e, a título póstumo, nomeado Cavaleiro da Legião de Honra.

O Rei dos Belgas condecorou-o com a medalha militar do Yser. E Sua Majestade Britânica agraciou-o com a “British War Medal”, “Victory Medal” e “Star”.

4 — Pretendente ao Trono

D. Luiz, que era o segundo filho da princesa D.^a Isabel, em 30 de Outubro de 1908 tornou-se o Pretendente ao Trono do Brasil, por renúncia do seu irmão mais velho.

Em 1908, a causa monárquica apresentava excelentes perspectivas.

Somente em 1895, seis anos após a proclamação da República, foi permitido aos monarquistas se arregimentarem. Em 15 de Novembro desse ano, publicou-se o notável manifesto dos monarquistas de São-Paulo, da autoria de Eduardo Prado, que usou nesse escrito seu a mesma combatividade do excelente livro **Fastos da ditadura militar no Brasil**. É de lamentar que não o possamos trans-

10—Recordatório fúnebre distribuído pela Família Imperial, em Abril de 1920.

11—Idem, idem.

crever agora. Assinaram o manifesto nomes da mais alta expressão da terra bandeirante: João Mendes de Almeida, José Maria Correia de Sá e Benevides, Augusto de Sousa Queiroz, Joaquim José Vieira de Carvalho, Rafael Correia da Silva Sobrinho, Bento Francisco de Paula e Sousa, Antônio Ferreira de Castilho, Francisco Antônio de Sousa Queiroz, José Ferreira de Figueiredo, Barão de Pirapetingui, Antônio Leme da Fonseca, Eduardo Prado. (12)

Na residência de João Mendes de Almeida, e sob sua presidência, realizou-se no dia 3 de Dezembro a primeira reunião dos monarquistas daquela província. Conforme a ata, escrita por Luiz Gonzaga de Oliveira Costa, por intermédio de Eduardo Prado, o general Couto de Magalhães e o Conde do Pinhal, nomes de grande representação, deram seu apoio à nova entidade política. As bases de organização foram apresentadas por Manuel José Ferreira, Manuel Joaquim Pinto de Sousa, Dinamérico Augusto Rego Rangel e Nicolau de Sousa Queiroz. A diretoria ficou assim constituída: Diretório Central — João Mendes de Almeida, Eduardo da Silva Prado, Francisco Antônio de Sousa Queiroz, Bento Francisco de Paula e Sousa, Antônio Ferreira de Castilho, e secretário Rafael Correia da Silva Sobrinho; Conselho Consultivo — Augusto de Sousa Queiroz, José Maria Correia de Sá e Benevides, Joaquim José Vieira de Carvalho, Antônio Francisco de Aguiar e Castro, Manuel de Almeida Melo Freire, Antônio Ribeiro dos Santos, Fortunato dos Santos Moreira, Carlos Augusto do Amaral, José Ferreira de Figueiredo, Francisco Antônio de Queiroz Teles, Antônio Alves Leite Penteado e Barão de Pirapetingui. (13)

Aos correligionários, o Diretório Monarquista enviou uma circular escrita por Eduardo Prado, com data de 12 de Dezembro. Lamentamos, novamente, não ser possível transcrever esse documento digno da pena do autor.

Enquanto, em São-Paulo, se movimentavam ativamente os monarquistas, também no Rio-de-Janeiro tinha início a ação. Em 2 de Janeiro de 1896, enviaram uma carta de aplauso aos vanguardeiros bandeirantes, assinada por João Alfredo Correia de Oliveira, Visconde de Ouro-Preto, Domingos de Andrade Figueira, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, Lafayette Rodrigues Pereira e Afonso Celso (14). Dez dias após, o *Jornal do Comércio* estampava o manifesto dos monarquistas do Rio-de-Janeiro. (15)

12—"Contraditas Monárquicas", por Afonso Celso, pág. 93.

13—Idem, idem, pág. 113

14—Idem, idem, pág. 119.

15—Idem, idem, pág. 121.

Pouquíssimos dias duraram as atividades. Desenrolaram-se os acontecimentos que nos narra fielmente Afonso Celso no seu folheto **O assassinato do coronel Gentil de Castro — Subsídios para a história do regime republicano no Brasil**. (16)

Em São-Paulo, foi fechada a sede do Centro Monarquista, por ordem de Campos Sales, presidente do Estado. E o órgão de imprensa **Comércio de São-Paulo**, dirigido sabiamente por Eduardo Prado e Afonso Arinos, teve as suas instalações destruídas. No Rio-de-Janeiro, a 7 de Março de 1897, os órgãos monarquistas **Liberdade**, **Gazeta da Tarde** e **Apóstolo** foram incendiados. Entretanto, o fato mais ignobil constituiu o assassinato do coronel Gentil de Castro, a 8 de Março de 1897, na estação de São-Francisco-Xavier, escapando da mesma sorte o Visconde de Ouro-Preto, que estava em sua companhia. O coronel Gentil tinha o único “crime” de ser o gerente do **Liberdade** e proprietário da **Gazeta da Tarde**... Mas, a verdade sobre todos esses atentados encontramos nas palavras de Francisco Glicério, um dos políticos de maior evidência entre os republicanos, a quem podemos considerar como um porta-voz officioso do governo de então: “os monarquistas andavam falando muito alto e o povo os ia escutando. Era preciso obrigá-los, de qualquer maneira, a calarem a boca” (17). Frente a essas “razões” de ordem política, de nada valia a Constituição de 91 com as suas garantias asseguradas por lei, que o Presidente da República, Prudente de Moraes, não quis fazer cumprir...

Era com essa tradição de combatividade, de sacrifício e abnegações, que D. Luiz assumiu a pesada responsabilidade de chefe dos monarquistas, em 1908. Lançou o seu primeiro manifesto, que começava com as seguintes palavras: “A renúncia do meu irmão Pedro a seus direitos de primogenitura, a posição de Príncipe Imperial em que ele me coloca e a autorização que me deu minha Mãe de entender-me diretamente com os Senhores, incitam-me a manifestar-lhes minha opinião sobre o programa político que me parece mais conveniente adotar para a realização do fim que almejamos.”

Esse manifesto compõe-se de dez capítulos, estudando respectivamente os problemas de descentralização administrativa, forças armadas, instrução pública, justiça, comunicações, comércio e indústria, questão operária, relações com a igreja, câmaras representativas, formação da aristocracia.

Em 6 de Agosto de 1913, novamente, D. Luiz escreveu outro

16—Anexo do “Visconde de Ouro-Preto”, por Afonso Celso, pág. 163 a 253.

17—“Visconde de Ouro-Preto”, por Afonso Celso, pág. 109.

manifesto, de repercussão intensa. Foi até transcrito na ata de sessões da Câmara Federal, teatro de animados debates durante 3 dias seguidos. Em carta de 11 de Setembro ao então deputado monarquista Martim Francisco, o Príncipe comentava: "Confesso-lhe que fiquei pasmo quando recebi o seu telegrama. Outros tiveram a mesma impressão, lendo a notícia no Brésil e mesmo em jornais franceses (os austríacos chegaram a declarar iminente a restauração da monarquia). Contaram-me que o Azeredo, assustadíssimo, logo passou um telegrama perguntando "o que era isso". Graças ao seu estratagema, o manifesto adquiriu logo uma importância que, entre nós seja dito, ele não merecia. As três sessões que a Câmara lhe consagrou mostraram bem que os seus honrados colegas perderam por completo a cabeça. O seu pequeno, mas incisivo discurso, acabou de espalhar a consternação nos arraiais republicanos." (18)

Esses dois manifestos, já os estudamos, demoradamente, no nosso artigo divulgado no Rio-de-Janeiro pela Ordem de Março de 941, intitulado "As idéias políticas de D. Luiz".

Ainda é cedo para recapitularmos o que foi a ação política de D. Luiz, cujos principais adeptos ainda vivem e não nos fornecem a necessária perspectiva para julgarmos a importância e amplitude das atividades. Entretanto, uma idéia justa nos dão vários depoimentos que vamos citar, como este do historiador Câmara Cascudo: "Príncipe Perfeito, impecável de graça, de elegância, de polidez, nele se reuniam virtudes altíssimas de coração, de cultura e de caráter. Nasceu para um trono que estava cada dia mais próximo de si. De redor de sua figura moça e altiva, de sua palavra ardente e alta, agrupavam-se as expressões moças de sua pátria. De redor de sua fisionomia admirável de beleza moral, de honestidade, de patriotismo vibrante, de alegria vitoriosa, havia uma perpétua e crescente curiosidade por todos os conhecimentos. Seu nome era um orgulho para a mocidade de sua pátria. Havia em sua vida sadia e luminosa um sinal de irresistibilidade, de arrancada para a glória. Jornalistas, escritores, industriais, poetas, soldados e marinheiros, voltavam fascinados por aquele moço de olhos azues, aquele brasileiro exilado, que falava do Brasil sabendo tudo, prevendo tudo, amando todas as cousas, todos os homens de sua terra maravilhosa. Diante de seus olhos claros o Destino desdobrava perspectivas inesperadas e ridentes. Aos seus passos as simpatias multiplicavam-se como por milagre de fé e de esperança nas reservas morais de sua personalidade." (19)

18—"Contribuindo", por Martim Francisco, pág. 15.

19—"O Conde d'Eu", por Luiz da Câmara Cascudo, pág. 143.

Hélio Viana, o brilhante historiador de **Formação Brasileira**, assim se manifesta: "Procurando os que iam à Europa, escrevendo constantemente aos que estavam aqui, acompanhando, meteticulosamente, toda a vida política da nação, D. Luiz dispendeu uma notável atividade, somente não se tendo registrado maiores resultados para a sua ação por que o ambiente nacional, nas agitações estereis do "pinheirismo", não estava apto nem mesmo a perceber o quanto de verdadeiro lhe apontavam os nossos monarquistas mais combativos, com o Príncipe Imperial à frente." (20)

Paulo Barreto, o popular João do Rio da imprensa carioca, afirma-nos: "Vi em D. Luiz o jovem brasileiro que podia ser o exemplo e modelo dos jovens brasileiros, amando a sua pátria, certo do seu futuro, sensato, altivo, inteligente, bom. Nada das infantilidades, dos enganos inesperados. Um cohecedor do Brasil e um sociólogo." (21)

Martim Francisco, o representante da sua causa na Câmara, com quem o Príncipe teve um contacto intelectual bastante intenso, deixou-nos este testemunho: "Era um puro. Um leal. Imensurável foi a sua superioridade sobre o tamanho de todos que o hostilizaram. Não conheci na política nacional mentalidade mais equilibradamente esperançosa, inteligência mais primorosamente educada." (22)

Há poucos meses, o autor de **Casa Grande e Senzala**, num seu folheto intitulado **Atualidade de Euclides da Cunha**, com evidentes segundas intenções, para fins suspeitos, escreveu que "está a pedir a atenção de algum pesquisador mais pachorrento que se disponha a acompanhar a atividade de agentes ou de simples amadores da restauração monárquica no nosso país, nos fins do século passado e nos começos do atual". Em seguida afirma que "tais agentes e amadores não só existiram como atuaram, às vezes inteligentemente, a favor de sua causa". Noutra página, lemos: "E foi até a tentativas francas ou sutis no sentido de atrair grandes intelectuais do Brasil para a causa monárquica." E o festejado homenzinho da "sociologia" indígena alude à participação de Oliveira Lima nas atividades de restauração do Império, inclusive o convite que D. Luiz lhe fizera para ocupar o cargo de ministro das Relações Exteriores, no

20—"D. Luiz de Orléans-Bragança", por Hélio Viana, na revista *Espejo*, Rio-de-Janeiro, Setembro de 1935.

21—Artigo citado.

22—Obra citada.

governo imperial (23). É bastante curioso que o Autor esteja a relembrar fatos sem ligação com o assunto de que se ocupa, salvo se ele quer salientar que monarquistas também fazem conspirações... e podem ser "agitadores"...

As idéias políticas de Oliveira Lima tem servido de pasto a explorações, principalmente quando da sua nomeação para ministro na Inglaterra, que não foi aprovada ou sancionada pelo Senado Federal, como se fazia então. Chegando ao Rio-de-Janeiro, o historiador, que regressava da embaixada nos Estados-Unidos, deu uma entrevista à imprensa, onde em certa altura dissera que o regime monárquico não "era incompatível com a prática de todas as liberdades". A simples afirmação de uma verdade palpável abalou os alicerces do Ministério das Relações Exteriores. Pinheiro Machado exigiu de Oliveira Lima uma profissão de fé republicana, sob pena de não ser aprovada pelo Senado Federal, do qual era vice-presidente, a sua nomeação de embaixador junto à Corte Britânica. Nilo Peçanha pediu-lhe que acrescentasse um elogio da república, numa conferência a realizar-se na Biblioteca Nacional, sobre "Os nossos diplomatas". Diante de tanto receio pelo regime, Oliveira Lima solicitou aposentadoria, nunca se retratando nem desmentindo as suas idéias. (24)

Que o historiador pernambucano tinha ligações políticas com D. Luiz prova-o este trecho da carta do Príncipe ao deputado Martim Francisco: "Também muito estimaria conhecer o pensamento do Dr. Oliveira Lima, que, aposentado, deve ter retomado a sua liberdade de ação" (25). O que o chefe dos monarquistas indagava era a opinião do autor de D. João VI no Brasil sobre as próximas eleições presidenciais e qual a atitude a ser assumida pelos seus partidários. É fácil de entender que, sobre um assunto de tamanha importância, o Príncipe não iria pedir o parecer de qualquer um, mas somente dos seus confidentes, principais correligionários ou representantes de províncias. Logo, Oliveira Lima era bastante graduado nas fileiras imperiais.

5 — Cartas de D. Luiz

Urgente, muito urgente, devem as cartas de D. Luiz aos seus partidários ser publicadas, pois o tempo é o pior inimigo dos chama-

23—"Atualidade de Euclides da Cunha", edição da Casa do Estudante do Brasil, Rio-de-Janeiro, 1941. Páginas 17 e 18.

24—"O meu caso", por Oliveira Lima, apêndice de "Memórias", pág. 253 a 261.

25—Obra citada.

dos "papéis velhos", que são destruídos impiedosamente pelos novos-donos de tais preciosidades a título de falta de espaço.

Com algum esforço, já conseguimos cópias de 8 longas cartas do Príncipe, que muito revelam das suas atividades, donde podemos concluir que outro teria sido o destino do Brasil, não fosse a fatalidade do falecimento de D. Luiz. Numa carta de 27 de Setembro de 1919, escreve o filho da Princesa Isabel: "No que respeita ao Brasil, passamos em Paris, antes de vir para cá, algumas semanas de perfeita união sagrada. Meu Pai encontrou-se num hospital com o Dr. Epitácio, que muito amavelmente o cumprimentou; o ministro do Brasil e o chefe da nossa missão militar presenciaram o batizado da última filha do meu irmão Pedro; eu mesmo tive conversas muito interessantes com o General Aché e o nosso atual ministro da Guerra."

Em 11 de Fevereiro de 1920, comenta: "Espero que o Dr. Epitácio terá a energia necessária para livrar o País das sanguessugas orçamentárias."

Outro trecho, bastante curioso, prende-se às eleições presidenciais, quando, em carta de 11 de Setembro de 1913, o Príncipe fazia observações acertadíssimas: "Quanto a mim, julgo ambos os candidatos "indesejáveis"; mas a ter de optar, optaria pelo Rui, cujos partidários representam o elemento mais sã e de maior prestígio no País. Parece-me mesmo que poderíamos aproveitar o momento para um acordo com os próceres desse grupo, a fim de conseguirmos um esforço comum pela restauração, logo após as eleições presidenciais. Que lhe parece?"

Já tentamos, há anos, reunir várias cartas de D. Luiz, escrevendo a pessoas que devem possuir verdadeiras preciosidades. Somente tivemos resposta de duas, uma do Dr. Paulo de Melo Resende, cujo genitor era uma espécie de secretário do Príncipe e o ajudou na tradução do Sob o Cruzeiro do Sul, e outra do Dr. Amador Bueno, que foi o presidente do Centro Monarquista de São-Paulo.

O primeiro nos dizia em carta de 14 de Abril de 1937: "Tenho procurado, nos papéis do meu mui querido e saudoso Pai, alguma coisa a respeito de D. Luiz Nada encontrei que possa ser útil ao prezado amigo. Sei que Papai escreveu e anotou muitas coisas, mas quase tudo está lacrado, só podendo ser aberto mais tarde. Lembro-me perfeitamente das estadias frequentes do Príncipe em nossa casa, mas nesse tempo era ainda bastante jovem e não tomava parte ativa nos "tete-à-tete" do Sr. D. Luiz com o Papai."

A resposta do Dr. Amador da Cunha Bueno foi bastante esperançosa: "São-Paulo, 25 de Março de 1937. Quanto ao seu pedido, com muito prazer o atenderei, mandando-lhe a cópia de uma carta do inesquecível D. Luiz, com quem mantive contínua correspondência, carta escrita logo que irrompeu a revolução russa, e na qual ele previu, como um profeta, tudo quanto tem acontecido, inclusive a horrenda tragédia que se está desenvolvendo na Espanha." Essa gentil resposta ficou apenas na promessa, na esperança, pois até hoje não nos chegou a anunciada cópia da carta do Príncipe.

Não seria um trabalho meritório, e de excepcional importância para os historiadores, a reunião das cartas de D. Luiz num volume? Pelo menos, representaria uma homenagem a quem escrevia palavras claras e assumia atitudes decisivas, como se desprende deste parágrafo: "Não imagina quanto me custa ficar aqui de braços cruzados, quando penso que um punhado de homens decididos bastaria para arrancar a Pátria das garras dos aventureiros que a exploram." E acrescentava: "Se for para o bem do Brasil, estou pronto a arriscar a pele na primeira ocasião que se apresentar. Quando precisarem de mim, bastará um simples telegrama." (Carta de 11-9-1913.)

(Recife, 1941).
